

**O papel do microbioma nas doenças crônicas - Prof. George Vithoulkas –
Entrevistado pelo Dr. Manish Bhatia – 18 de maio de 2022**

O Prof. George Vithoulkas é entrevistado pelo Dr. Manish Bhatia sobre suas teorias de saúde e doença, incluindo seus recentes ensinamentos sobre o papel do microbioma nas doenças crônicas.

George Vithoulkas é atualmente professor honorário em diversas universidades, incluindo a Universidade do Egeu, Universidade Estadual de Medicina da República da Chuváchia (Rússia), Centro Nacional de Formação em Medicina Tradicional e Complementar (Rússia), Pontifícia Javeriana (Colômbia), Centro de Pesquisa Científica de Toda a Rússia para Medicina Restaurativa e de Estância do Ministério da Saúde da Federação Russa, PHEE “Universidade médica de Kiev.”, Instituto de Medicina Dnipro (Ucrânia), é Doutor Honoris Causa -“Dr. Viktor Babes” U. Timisoara (Romênia) Doutor Honoris “Iuliu Hatieganu U. (Romênia) e Professor na Academia Médica de Kiev.

O Professor Vithoulkas é membro associado sênior da Royal Society of Medicine, no Reino Unido, Membro Honorário da Liga Medicorum Homeopathica Internationalis e presidente honorário da Associação Médica Homeopática Helênica (criada em 1970) Em 1996, ele foi homenageado com o Right Livelihood Award (também conhecido como Prêmio Nobel Alternativo, www.rightlivelihood.org)”... por sua notável contribuição para o renascimento do conhecimento homeopático e o treinamento de homeopatas nos mais altos padrões”.

Suas principais contribuições incluem:

“Os níveis de saúde”;

O continuum de uma teoria unificada das doenças;

Como uma doença aguda pode ser transmutada em uma doença crônica;

A definição de saúde e

Como podem nascer crianças mais saudáveis?

MB: Prof. Vithoulkas, é um grande prazer entrevistá-lo novamente. Você publicou recentemente um artigo muito interessante sobre o papel do nosso microbioma na transmutação de uma inflamação aguda em uma crônica. Isso parece estar alinhado com sua Teoria Unificada das Doenças, e com seu inovador trabalho anterior, os Níveis de Saúde.

Eu gostaria de começar essa entrevista com algumas perguntas sobre como essa evolução ocorreu. Para melhor compreensão dos nossos leitores sobre esse conceito, eu gostaria de começar com algumas questões práticas.

MB: Na minha própria prática, tenho observado que o tratamento de uma enxaqueca, de uma asma, de uma dermatite ou de uma gonorreia é mais fácil quando comparado ao tratamento da doença de Parkinson, do Alzheimer, da esclerose múltipla, da demência, etc. Por que essa diferença é observada mesmo quando um simillimum próximo é encontrado?

GV: Querido Manish, estou muito feliz de te reencontrar para discutir questões concernentes à prática da homeopatia. Sua observação está correta. O remédio homeopático correto – o simillimum, como o chamamos – pode promover um restabelecimento total em alguns casos de doenças crônicas, mas pode ter um pequeno efeito, ou efeito algum, em outros casos de doenças crônico-degenerativas.

Provavelmente isso acontece porque alguns órgãos importantes, ou um sistema do corpo, foi deteriorado a tal ponto que não há formas de se reestruturar tal órgão ou sistema. O curioso é que, mesmo se um diagnóstico de uma doença crônica incurável foi estabelecido, digamos na esclerose múltipla ou na esclerose lateral amiotrófica, o verdadeiro potencial do organismo para a recuperação não é o mesmo para todos os casos.

Portanto, em um paciente com miastenias gravis, esclerose múltipla ou qualquer doença neuromuscular considerada incurável, se o remédio indicado estiver claro, o organismo pode reagir com vigor surpreendente e, eventualmente, o caso pode alcançar uma recuperação completa.

MB: Eu também observei que alguns tipos de câncer, que é uma doença temida, mas comum hoje em dia, parece ter um prognóstico melhor que muitas doenças neurodegenerativas. Qual é a sua observação e por que existe essa diferença?

GV: Os cânceres têm diferentes graus de malignidade, portanto, alguns deles são tratáveis com a homeopatia. Tumores cancerosos indicam uma reação agressiva do organismo, que parece estar há muito tempo sob estresse.

A manifestação de um tumor maligno é, na verdade, a reação que indica que o organismo não consegue mais tolerar uma situação estressante e precisa de um escape. Porém, se a situação tóxica é corrigida ou para de afetar o paciente, uma recuperação é possível, desde que o órgão no qual o tumor se manifestou não tenha sido danificado além das possibilidades de reparação.

Nesses casos, o remédio homeopático pode fazer maravilhas. Mas, essa condição é muito mais branda que, digamos, a deterioração de todo o sistema nervoso, a qual produz patologias como ELA, Parkinson, miastenias gravis, esclerose múltipla e todas essas doenças neuromusculares que são muito mais difíceis de curar.

Porém, tendo dito isso, ainda assim é irresponsável de nossa parte declarar que podemos curar todos os casos de câncer.

MB: Então, novamente se resume à nossa própria individualidade e à extensão e gravidade da patologia.

GV: Minha conclusão, baseada em muitos anos de observação no tratamento de doenças crônicas, indica que existe um “grau de saúde geral” que cada um de nós possui, que não corresponde diretamente ao diagnóstico convencional, mesmo quando se trata de doenças crônicas graves.

O termo “grau de saúde geral” é diferente do grau de saúde indicado pelos marcadores de doenças confirmados pelos laboratórios. Não está diretamente relacionado à classificação da OMS para doenças crônicas.

Darei um exemplo. Há casos de esclerose múltipla que podem ser eliminados com o remédio correto, em um determinado paciente, e os mesmos sintomas não podem ser eliminados em um outro paciente, mesmo com a melhor prescrição. Qual é o fator interno que determina as diferentes reações?

É muito difícil saber. Contudo, há de haver um, dado o fato de que organismos diferentes, com a mesma patologia, reagem de maneiras diferentes após o remédio correto. Há uma possibilidade de que esse grau de saúde um dia seja estabelecido através de certos marcadores. Talvez o número de telômeros será um dos marcadores que definirão o grau de saúde geral de cada um de nós.

Na medicina convencional, eles não têm esses problemas, ou eu diria, essas dúvidas, já que o mesmo medicamento é dado para todos os pacientes em qualquer caso.

MB: Como homeopata, como você lida com essas limitações?

GV: Para um homeopata, todos esses problemas são um motivo para reflexão e pesquisa. Encontrar os parâmetros que constituem o “grau de saúde geral” é importante para se ter uma ideia da reação que seu remédio terá sobre o paciente.

Por exemplo, temos um parâmetro bem conhecido por todos nós que quanto mais profunda é a patologia, menos sintomas-chave norteadores nos ajudarão a encontrar o remédio correto.

Em minha teoria dos “Níveis de Saúde”, eu tentei fornecer os sinais, os sintomas e os parâmetros gerais, para que qualquer pessoa consiga encontrar, por si só, o grau do estado crônico em que se situa. Embora meu livro “Os Níveis de Saúde” tenha sido escrito para os profissionais de saúde e seja mais útil para os homeopatas, ele pode ser facilmente lido mesmo pelas pessoas leigas.

MB: Seu livro “Os Níveis de Saúde” realmente fornece uma clara via prognóstica. Como isso evoluiu para seu mais recente trabalho sobre o bioma humano e a supressão?

GV: No meu recente artigo “Uma perspectiva integrada sobre a transmutação de uma inflamação aguda em crônica e o papel do microbioma”, publicado na revista médica “*Medicine and Life*”, eu tentei dar um passo além na investigação de como se pode entender o grau de saúde que se tem.

Eu forneci informações mais tangíveis sobre o que acontece dentro do nosso organismo à medida que envelhecemos e somos sujeitos à deterioração natural da saúde.

É neste momento que esperamos que o sistema imune combata as patologias originadas da ingestão de todas as drogas químicas - médicas e não-médicas - vacinas, poluição, assim como as patologias que surgem dos efeitos de graves estresses psicológicos.

É nessa hora (durante os momentos estressantes) que predisposições a diferentes doenças podem se manifestar, e uma doença crônica assume o controle de todo o organismo, caso o sistema imune tenha sido comprometido.

Eu refleti sobre qual órgão do corpo poderia registrar essas mudanças e ser detectado. Meu entendimento foi que isso está na composição da microbiota, no equilíbrio dos microrganismos dentro do sistema digestivo e, particularmente, na membrana mucosa do intestino.

MB: No seu artigo anterior “O continuum de uma teoria unificada das doenças”, você sugere que a supressão das doenças pelo excesso de drogas químicas, ou por outros meios, muitas vezes sobrecarrega as defesas naturais do corpo e força o sistema imune a se comprometer e iniciar uma linha de defesa mais profunda, o que constitui o início de uma nova doença crônica. Por favor, nos conte um pouco mais sobre como você chegou à essa conclusão e quais têm sido suas observações sobre isso.

GV: Sua pergunta é simples, mas a resposta é muito complexa. Eu tentarei respondê-la, mas não sei quão fácil essa resposta poderia ser.

Como você sabe, eu venho tratando famílias inteiras há muitos anos. Eu acho que isso é uma grande vantagem para um clínico que pode, então, observar a manifestação de diferentes doenças crônicas, seu desenvolvimento e provável causa.

O organismo humano é desenvolvido de uma maneira tão evoluída e complexa que pode se lembrar de um grande estresse pernicioso que o sistema imune registrou e que não conseguiu eliminar imediatamente para promover um restabelecimento total.

O resultado desse estresse se manifesta como sinais e sintomas anunciando a manifestação de uma doença crônica. Essa evolução acontecia em todos aqueles casos em que o sistema imune já tinha sido comprometido devido ao estresse.

Em todo paciente que sofre de uma doença crônica você verá que essa condição: o comprometimento parcial do sistema imunológico.

Vou te dar um exemplo. A paciente é uma mulher que é muito sensível e no histórico dela você descobre que ela foi maltratada pela mãe, por muitos anos, mas nunca falou

sobre isso com ninguém; ela escondeu a raiva que tinha da mãe. Este longo conflito enfraqueceu a saúde dessa moça e, por fim, se expressou como um estado de extrema irritabilidade junto com uma constipação.

Ao viver por muitos anos nesse ambiente tóxico, ela sobrevive tratando sua condição com um leve sedativo e um laxante. Até então, não há diagnóstico de nenhuma doença crônica. Então, de repente, ela é acometida por um resfriado que rapidamente se desenvolve em uma pneumonia bilateral, que é tratada com uma série de antibióticos.

Não muito depois desse severo tratamento para a condição aguda, ela desenvolve sintomas de uma doença autoimune, como colite ulcerativa, associada com depressão, enquanto a raiva e a irritabilidade diminuem. Neste estado de saúde, ela vai ao homeopata para se tratar.

Você pode tratar esses tipos de caso com sucesso por bastante tempo, com a sequência correta de remédios, mas, enquanto eles se sentem bem melhor, você observa que repentinamente desenvolvem novamente uma pneumonia igual à que tiveram quinze anos atrás.

Você continua tratando a pneumonia com homeopatia. A paciente parece estar muito bem: livre da pneumonia, livre da colite ulcerativa e livre da depressão. No entanto, a paciente vem até você novamente para ser tratada, pois agora sente o retorno do estado emocional que tinha há quinze anos, ou seja, as explosões repentinas de raiva e a constipação. Você continua tratando a irritabilidade e a constipação e, eventualmente, ela tem sua saúde geral restituída.

Esta é uma série de eventos comum que eu observava durante o tratamento homeopático correto. O organismo volta ao período de estresse anterior que causou o problema, o qual, se também tratado adequadamente, resulta em uma recuperação completa.

Esses são os casos que eu vi por todos os anos de minha prática profissional e que me levaram a escrever “O continuum de uma teoria unificada das doenças”.

Esse histórico é irrelevante para um médico convencional ou para um homeopata malformado, que não consegue fazer a conexão entre toda essa série de eventos.

Quando você acompanha medicamente milhares de pacientes assim, por muitos anos, você consegue ver os fatores causais e o desenvolvimento das doenças crônicas. Você pode observar, por um lado, a causa e o desenvolvimento da doença crônica e, por outro lado, o desenrolar da patologia devido ao tratamento homeopático correto.

Não preciso dizer que, se você tratar o retorno da pneumonia novamente com antibióticos, toda a patologia da colite ulcerativa voltará, o que mais uma vez confirma que os antibióticos foram originalmente responsáveis pela colite ulcerativa.

Essa é uma forma simplificada de explicar que tipo de observação me levou à ideia do “Continuum de uma teoria unificada das doenças”.

Por fim, eu cheguei à conclusão de que qualquer estresse negativo por causas químicas, médicas, biológicas ou psicológicas, que não foram combatidos, na época, com um restabelecimento automático, deixam marcas no organismo, como um grupo de sintomas.

O organismo nunca esquecerá o dano que foi feito cinco, dez ou vinte anos atrás. Esses traumas comprometem a saúde geral do indivíduo para sempre, e criam uma gama de sintomas que anunciarão o início de uma patologia crônica.

MB: Indo para o seu recente artigo sobre os efeitos ou o papel do microbioma na geração do processo patológico, como seus trabalhos anteriores dos níveis de saúde e da teoria do continuum se relacionam com o recente trabalho sobre o microbioma? A supressão ou o uso de medicamentos químicos afetam o microbioma?

GV: Eu tentarei te passar a experiência geral que me levou à decisão de escrever esse artigo. Não é fácil, eu vou tentar combinar muitos aspectos, observações e pensamentos dos meus 60 anos de prática homeopática.

Devido à forma detalhada com que fazemos a tomada de casos na homeopatia, nós temos a possibilidade de observar diversos fenômenos, por exemplo: quando um organismo passou por um sofrimento severo, como a separação de um amor, ou uma virose grave, a primeira coisa que observamos é a perda de apetite, indicando que esses traumas emocionais têm um impacto no trato digestivo.

Parecia haver nos intestinos um órgão muito sensível que registra qualquer estresse psicológico ou físico, capaz de eliminar o desejo de comer, que é uma função tão importante para a sobrevivência!

MB: Sim, de fato! Eu trato muitas crianças autistas e frequentemente vejo essa a conexão intestino-cérebro.

GV: Além disso, eu observei que muitas doenças crônicas eram acompanhadas de mudanças na preferência pela ingestão de comida, um excessivo desejo ou aversão à certos alimentos, algo interessante para um homeopata observar e levar em consideração na prescrição. Foi interessante ver que essas alterações aparentemente inofensivas estavam relacionadas exclusivamente ao sistema digestivo, e estavam conectadas à diversas condições patológicas.

Além desses fatos, também se sabia bem que os antibióticos e todos os diversos anti-inflamatórios tinham efeitos colaterais, afetando principalmente a flora intestinal humana. A influência era tão evidente no histórico médico do paciente, que os médicos aconselhavam o paciente a tomar diversas vitaminas e probióticos junto com a medicação, de forma a proteger a flora contra as drogas. Hoje, é de conhecimento geral que todos os medicamentos têm efeitos colaterais, os quais são anotados nos folhetos que os acompanham.

Por exemplo, o início de uma doença crônica após uma virose foi reconhecido como uma nova síndrome: a síndrome pós-viral, que é um estado gravemente comprometido do sistema imune. Então, eu pesquisei na literatura médica recente, onde eu encontrei muitos artigos em revistas médicas prestigiadas que relatavam casos semelhantes aos que eu tinha observado cinquenta anos atrás!

Portanto, eu concluí que algo importante estava acontecendo no intestino, com os trilhões de bactérias, fungos, vírus e todos os outros microrganismos que chamávamos pelo nome genérico de “microbioma”.

Eu via todos os efeitos colaterais do tratamento convencional nos pacientes durante os anos 1960 a 1980. Todos aqueles pacientes traumatizados chegavam com uma doença crônica para tentar uma terapia diferente.

Na tomada do caso de forma detalhada, eu conseguia ver as mudanças que aconteciam no organismo deles. Por exemplo, eu ficava impressionado com as reações que os organismos tinham nos intestinos quando estavam sob estresse.

Eu percebi, por exemplo, o desenvolvimento de ansiedade neurótica após o tratamento de tifo, e a correlação com o tubo digestivo. Esses pacientes com ansiedade neurótica geralmente focavam, de forma quase hipocondríaca, na disfunção do tubo digestivo.

Mas havia muitas outras condições em que o intestino participava. Por exemplo, se alguém tinha um importante encontro, sua ansiedade causava uma diarreia repentina. Como uma reação dessas podia ser produzida, a menos que o equilíbrio dos diferentes microrganismos estivesse perturbado devido ao estresse emocional?

Um choque súbito, como a perda de um amor, podia provocar, além de tristeza, severa náusea e diarreia. Os sentimentos fortes de uma perda financeira repentina podiam causar, em pouco tempo, uma constipação.

A pergunta era: por que o intestino reagia com tal velocidade a tantas situações diferentes de estresse psicológico? Para qualquer pessoa com experiência clínica, esses fenômenos colocariam uma questão lógica: qual era o órgão primário que estava respondendo a mudanças tão repentinas no nível emocional?

É claro que, outras explicações poderiam ser dadas, mas, qual era o principal órgão que era estimulado a reagir de forma tão rápida nos intestinos?

Para qualquer observador objetivo, a microbiota do intestino era provavelmente o principal motivo para tais mudanças. Provavelmente, a composição e a proporção dos diferentes tipos de microrganismos estavam alteradas.

Os estados simbióticos ou disbióticos determinavam o que acontecia em todo o organismo, afetando os três níveis do ser humano: o mental, o emocional e o físico. A entidade responsável por todas essas mudanças nas emoções é, provavelmente, um “novo órgão” com trilhões de partes diminutas, as quais chamamos de “microbiota”.

Este “órgão” que é constituído por cem trilhões de microrganismos diferentes é a primeira linha de reação. É o mesmo “órgão” responsável pela transformação da matéria (alimento) em energia, regulando, assim, muitas outras funções do organismo humano. Este “órgão”, por ser extremamente sensível, parece batalhar o tempo todo para manter o melhor equilíbrio possível, a homeostase, possivelmente alterando sempre sua composição, em proporções recíprocas aos diversos microrganismos dentro dos intestinos.

O que eu vou dizer agora talvez seja uma ideia exagerada, mas nós podemos concluir que há bactérias ou vírus especiais que parecem responder aos diferentes tipos de sentimentos, impulsos ou estresses. Mas, o mais interessante é que esses pequenos microrganismos ficam mais felizes quando estamos apaixonados. Neste estado, parece que, de forma quase mágica, em um momento todos esses companheiros conspiram para nos dar uma sensação de completude, de felicidade sublime e uma sensação de estar no céu. Nesse caso, existe a possibilidade de que mesmo uma pessoa que sofria de uma condição crônica possa se recuperar de maneira milagrosa.

Mas, ao contrário, há uma catástrofe total caso um “relacionamento amoroso” tão sublime seja interrompido de repente; então, do céu, a pessoa passa a viver num inferno. Qual poderia ser o órgão responsável por uma mudança tão radical, que vem com uma força e velocidade tão terríveis, afetando todo o organismo, oprimindo todo o ser humano?

Essa é a evidência mais óbvia desse fato, que a microbiota é o primeiro “órgão” a ser afetado. Este fato, relativo ao efeito na microbiota, pode ser observado no efeito colateral de todas as substâncias medicamentosas – sejam drogas químicas, antibióticos, hormônios ou vacinas. A maioria dessas substâncias medicinais têm uma profunda influência na microbiota, produzindo efeitos colaterais, em maior ou menor grau.

O curioso é que toda equipe médica hoje em dia aceita essa ideia dos efeitos colaterais dos medicamentos como sendo “normal”, acrescentando que os medicamentos não podem funcionar de outra forma se não com efeitos colaterais!

O problema é que nem todo profissional de saúde percebe que cada organismo tem seu próprio limite, que se ultrapassado, novas doenças de natureza crônica podem surgir. Predisposições a doenças diferentes que estavam latentes nas profundezas dos nossos códigos genéticos despertarão e subjugarão a humanidade, caso continuemos a bombardear esses microrganismos com drogas químicas.

Eu disse a mesma coisa em 1985, em meu livro “Um novo modelo de saúde e doença”, mas, é claro, pouca atenção foi dada, como eu creio que acontecerá com esse artigo também.

De qualquer maneira, essas são algumas das minhas ideias, querido Manish, que me motivaram a escrever esse artigo. Se o que eu observei estiver certo, então temos que

perceber que estamos lidando com um “novo órgão”, muito vivo e funcional dentro de nós, o qual chamamos de “microbioma”, e que está alojado em nossos intestinos.

Eu acredito que, observando a microbiota, nós abrimos uma nova janela para o funcionamento do corpo humano, que nos dará muitas informações interessantes para compreendermos melhor o comportamento do organismo humano na saúde e na doença.

O microbioma é um “órgão” do nosso corpo físico que tem suas próprias regras e antagonismos. Ele responde aos sentimentos diários, com seus altos e baixos, com nossos sofrimentos e nossas alegrias. Essas batalhas acontecem o tempo todo – paralelamente aos nossos conflitos – para se alcançar uma simbiose perfeita, a homeostase, uma condição perfeitamente saudável.

O interessante é que este “órgão” pode ser afetado por nossos sentimentos, mas também, nós podemos sentir suas reações recíprocas quando traumatizado por alimentos não saudáveis e substâncias químicas fortes.

Esse órgão deve ser tratado com o máximo de cuidado e respeito se não quisermos provocar patologias genéticas mais profundas que espreitam em nossas predisposições, prontas para surgirem e finalmente criar Deus sabe que tipo de personalidade terrivelmente doente.

Em todo caso, eu espero que o mundo perceba logo a importância da homeopatia, que é a medicina mais pacífica e eficaz para promover equilíbrio e felicidade dentro de nós e paz para o nosso ambiente.

MB: Eu concordo plenamente com você, Prof. Vithoulkas. Há muitas pesquisas sendo feitas sobre a conexão intestino-cérebro, sobre o papel do microbioma na defesa e na doença, e os cientistas acreditam que exploramos apenas a ponta do iceberg. Muito mais pesquisas são necessárias e eu espero que suas ideias estimulem não apenas os homeopatas, mas também outros cientistas a pesquisarem mais a fundo o papel das mudanças na microbiota intestinal tanto na doença quanto na cura.

Eu gostaria de te agradecer pelo seu precioso tempo hoje e por compartilhar suas notáveis observações sobre a evolução das doenças e o papel do microbioma. Muito obrigado!

